

## ENSINO DE INGLÊS E MULTIMODALIDADE: ANÁLISE VISUAL DE TEXTOS DIDÁTICOS

Jhuliane Evelyn da Silva (GPELL/UERN)

anecomjesus@hotmail.com

Rita de Kássia de Aquino Gomes (GPELL/UERN)

kassia-182@hotmail.com

José Roberto Alves Barbosa (GPELL/UERN)

joseroberto@uern.br

### Considerações Iniciais

A língua inglesa tornou-se um produto de consumo (LACOSTE e RAJAGOPALAN, 2005), caracterizando-se como objeto de desejo social. O interesse por essa língua, dentre outros, decorre da difusão global que obteve nessas últimas décadas. Diante de tal expansão, o mercado editorial tem produzido vários recursos didáticos a fim de possibilitar o contato dos alunos com o idioma. Perante essa realidade, a indústria de material didático tem investido maciçamente na produção de livros que atraiam os alunos. Nesses, os editores inserem imagens que não são apenas ilustrações; estas representam, outrossim, atores sociais em posicionamentos distintos, assumindo determinadas funções nos textos. Alguns textos, nesse sentido, não favorecem apenas o acesso à língua, mas também às práticas discursivas ideologicamente construídas (THOMSPON, 1995).

É diante dessa visão que esse artigo, enquadrado na área Linguística Aplicada sob uma ótica visual-funcionalista, pretende analisar textos didáticos para o ensino-aprendizagem de inglês no Ensino Médio das cinco principais escolas particulares de uma cidade do Rio Grande do Norte. Para tanto, em função do espaço limitado deste gênero, optamos por realizar a análise de dois textos didáticos: “Where was I living?” (imagem 1) e “Meeting Cuba’s youngest politician” (imagem 2).

Dividido em duas partes, na primeira discorreremos sobre a conseqüente mercantilização do ensino da língua inglesa. Em seguida, trataremos a respeito dos aspectos teórico-metodológicos da Gramática Visual (GV), de Kress e van Leeuwen (2006), que fundamentarão a pesquisa proposta. Já na segunda parte do artigo, desenvolveremos a análise, atentando para os aspectos imagísticos dos textos didáticos.

### 1. A produção de materiais didáticos para o ensino de inglês

Com vistas ao ensino-aprendizagem do inglês, a cada ano, uma quantia considerável de materiais didáticos é produzida. Os autores de alguns desses livros propõem um aprendizado efetivo da língua, influenciados, principalmente, pela Abordagem Comunicativa. No caso dos livros comercializados no Brasil, há uma tendência de assumir que tais materiais se coadunam com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira, ainda que tal declaração na capa não seja identificada no conteúdo do livro. Ademais, há a possibilidade de que textos que se digam comunicativos repassem ideais ideológico-hegemônicos em seu conteúdo.

A opção pelo material didático, previamente elaborado pelas editoras, pode ser, conforme já apontava Allwright (1981), a deficiência que alguns professores têm tanto para preparar quanto para selecionar seu próprio material didático. Huctchinson e Torres (1994), por sua vez, defendem que a principal razão não é a deficiência, mas a conveniência. Para

esses autores, o material didático possibilita uma considerável “conveniência, provendo uma estruturação que o sistema de ensino/aprendizagem requer” (p. 317). Crawford (2002, p. 83) também assume que a utilização de um material didático, fornecido por uma determinada editora, não somente provê uma estruturação, mas também,

[...] uma previsibilidade que é necessária a fim de que o evento social se torne tolerável aos participantes, além de servir de mapa ou plano para o que se pretende e o que se espera, permitindo, assim, que os participantes vejam onde uma lição se encaixa dentro de um contexto mais amplo do programa lingüístico.

A comodidade, provida por essa previsibilidade do material didático, auxilia significativamente a condução das aulas pelos professores. Contudo, em consonância com a falta de formação crítica, o material didático pode acabar ditando as regras, ou melhor, a abordagem de como a língua deva ser ensinada. Por essa razão, não se pode descartar a análise do material didático, haja vista o papel que esse exerce na condução das aulas dos professores de línguas. A busca pela comodidade não pode justificar a escolha de materiais didáticos. Um fator relevante que também precisa ser considerado na escolha de textos didáticos para o ensino-aprendizagem do inglês é o hegemônico (GRAMSCI, 1988; 1995) e ideológico (THOMPSON, 1995), na medida em que esses colaboram na manutenção da desigualdade social, quando, em alguns casos, fomenta o preconceito identitário (CASTELLS, 1999) em relação aos desempoderados nas relações desiguais de poder (FAIRCLOUGH, 2001).

## 2. Fundamentos teóricos para a análise de imagens

Objetivando descrever as principais estruturas composicionais que já se encontram enraizadas na cultura ocidental, bem como analisar como as mesmas são usadas para produzir significado pelos produtores/manipuladores das imagens atuais, Kress e van Leeuwen (2006) elaboraram um sistema de estruturação visual contido na Gramática do Design Visual (GDV) que gira em torno das três metafunções lingüísticas sugeridas pelas premissas teóricas propostas por Halliday (2004), pois acreditam que “assim como as estruturas lingüísticas, as estruturas visuais apontam para interpretações de experiência particulares e formas de interação social” (KRESS & VAN LEEUWEN, 2006, p. 02) <sup>1</sup>. Desta forma, os significados expressos na língua por meio da escolha entre classes de palavras e estruturas gramaticais podem vir a serem expressos na imagem por meio da diferenciação de cores, tonalidade, foco; e tais diferenças afetarão e modificarão o sentido proposto por tal.

Afirmando que “a linguagem visual não é [...] transparente e universalmente compreendida; ela é culturalmente específica” <sup>2</sup> (idem, p. 4) os autores propõem a importância da aprendizagem de uma nova gramática que oferta ferramentas para a descrição e análise da imagem, esta sendo tomada como unidade de significação, com regras e linguagem próprias.

Sendo uma teoria da representação, a GDV enxerga o componente visual dos textos como uma mensagem independente do texto verbal, por mais que de alguma forma conectada, provida de organização e estrutura próprias. Seu foco acontece no processo de produção do signo, onde a forma e o significado são independentes entre si até o momento em que certo produtor os une a fim de formar um novo signo. Assim, ele é visto como motivado, e não como arbitrário, pois se deve levar em consideração o contexto em que foi produzido, quem

---

<sup>1</sup> “Like linguistic structures, visual structures point to particular interpretations of experience and forms of social interaction”

<sup>2</sup> “Visual language is not [...] transparent and universally understood; it is culturally specific.”

foi o produtor, o que o levou a representar daquela forma e não de outra, em que condições se encontrava quando o materializou, etc. Some-se isso ao fato que as estruturas visuais não servem somente para retratar a realidade como ela é, mas também e principalmente são ideológicas e trazem consigo significados de grande importância.

Como citado anteriormente, a GDV se baseia nos pressupostos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (2004) ao considerar as funções e o contexto no qual as imagens são produzidas. No entanto, enquanto a LSF se organiza em torno das Metafunções Ideacional, Interpessoal e Textual, a GDV as assume como Representacional, Interativa e Composicional, respectivamente, uma vez que essa gramática se adequa ao que será analisado, neste caso, as imagens, pois não se pode esquecer que cada meio semiótico possui suas próprias regras e estrutura, apesar de uma estar ancorada na outra e ambas possuírem um foco nas metafunções da linguagem (verbal e não-verbal).

A metafunção Representacional, utilizando a terminologia empregada por Kress e van Leeuwen, é responsável pelas estruturas que constroem visualmente a “natureza dos eventos, objetos e participantes envolvidos, e as circunstâncias em que ocorrem” (UNSWORTH, 2004, p. 72 apud NOVELLINO, 2007, p. 53). A metafunção Interacional nos permite representar uma relação social particular entre o produtor da imagem, seu receptor e o próprio objeto representado. Por fim, a metafunção Composicional nos dá a habilidade de criar representações coerentes, ao distribuir seu valor entre os elementos da imagem de forma contextualizada. Quanto aos participantes, eles podem ser classificados, segundo a GDV, como representados ou interativos. Estes são os participantes que produzem ou consomem as mensagens, os que se fazem presentes no ato da comunicação, ao passo que aqueles são o conteúdo da comunicação, sobre o que é tratado na composição visual.

Enquanto Halliday (2004) propõe em sua linguística a existência de seis tipos diferentes de processos os quais englobariam todas as atividades humanas concretas e abstratas, Kress e van Leeuwen (2006) postulam a existência de Representações Narrativas, subdivididos em processos de Ação não-transacional, transacional unidirecional e bidirecional, Reacional não-transacional e transacional, Mental, Verbal e de Conversão e Representações Conceituais, subdivididas em Classificatórios, Analíticos e Simbólicos.

As Representações Narrativas apresentam ações que estão se desenvolvendo, ou seja, ações em movimento, e são assinaladas pela presença de um vetor que pode ser formado por meio de linhas imaginárias, oblíquas, ou diagonais transmitindo a ideia de movimento. Na imagem, eles se apresentam de forma saliente em contraste com o resto da composição. Os participantes dessas representações têm a possibilidade de estabelecer relações entre si e se engajar em ações e eventos por meio dos vetores que emanam de seu corpo, ou na ausência desses, são formados pelo próprio corpo do participante representado.

Os processos de ação descrevem o que está ocorrendo no mundo material. Na imagem, estes processos são representados pela presença de vetores, que indicam a direção do movimento dos participantes. Deste modo, quando a imagem apresenta somente um Ator (participante do qual o vetor emana), este processo será chamado de não-transacional, pois sabemos quem realizou a ação, porém não nos é mostrado quem a recebeu/sofreu. Quando, porém, há a presença do Ator e da Meta, participante o qual ou para o qual o vetor está direcionado e que receberá a ação, encontramos um processo transacional. Como já citado, este tipo de processo poderá ser unidirecional ou bidirecional. O primeiro quando um Ator realiza uma ação direcionada a algo/alguém, sua Meta, e o último quando há a presença de dois interactantes, que serão Atores e Metas sequencialmente ou simultaneamente. Isso se dá uma vez que ao mesmo tempo em que um participante está exercendo a função de Ator e o outro participante, a de Meta, este poderá vir a ser o Ator e aquele a Meta, ou este processo poderá acontecer de forma simultânea.

Outro processo que pode ser desempenhado por meio de vetores é o Processo Reacional. Este é caracterizado “quando o vetor é formado por uma linha ocular, pela direção de olhar de um ou mais dos participantes representados.” (KRESS & VAN LEEUWEN, 2006, p. 67) Ao invés de Ator e Meta, esses participantes serão chamados de Reatores, se referindo ao participante, que deverá ser humano ou possuir características humanas, “uma criatura com olhos visíveis que possua pupilas distintas, capaz de [demonstrar] expressões faciais” (idem, p. 67), o qual realiza a ação de olhar; e de Fenômeno, participante que recebe a ação de ser olhado. Este pode ser representado por um ser animado (pessoa, animal) ou inanimado (como uma estrutura transacional, uma cena, por exemplo). Pode-se ainda classificar este processo como transacional, quando a imagem apresenta ambos Reator e Fenômeno, e em não-transacional, quando inexistente Fenômeno, abrindo para o observador a possibilidade de deduzir/imaginar para quem ou para o quê o Reator está olhando.

O Processo Verbal vem mostrar um tipo diferente de vetor, aquele que pode ser observado em histórias em quadrinhos que materializam a fala das personagens. Neste caso, os balões de conversação conectam o falante ao conteúdo que deseja expressar. Este participante será chamado de Dizente e será caracterizado como tal se o balão partir dele, enquanto que o conteúdo expresso pelo mesmo será chamado de Enunciado. O Processo Mental, por sua vez, é materializado por meio dos balões de pensamento que emanam da cabeça das personagens. Estes exprimem o conteúdo de um processo mental, como um pensamento, um sentimento, uma percepção, por exemplo, além de conectar o Experienciador ao seu conteúdo, o Fenômeno.

Não tão importantes quanto os participantes e os processos, as circunstâncias exercem o papel de ofertar mais informações ao visualizador das representações visuais narrativas. Consideradas participantes secundários, elas estão relacionadas com os participantes principais em termos de Locação, Meio e Acompanhamento. Portanto, as primeiras “relacionam outros participantes a um participante específico que chamaremos de Cenário”. (KRESS & VAN LEEUWEN, 2006, p. 72) Na imagem, elas serão percebidas pelas diferenças (de cor, tonalidade, detalhamento, etc.) apresentadas por meio do que é retratado em primeiro plano e no plano de fundo. As segundas são concebidas através das ferramentas que são utilizadas nos processos materiais. Elas aparecem quando não há claramente a presença de um vetor entre a ferramenta e seu usuário, algumas vezes constituindo-se elas próprias no vetor que desempenham o processo. As últimas, assim como o segundo tipo de circunstância, também não apresentam um vetor que relacione os dois, considerando-se, portanto, de acompanhamento em virtude da presença de outro participante, um que se apresenta *com* a imagem destacada.

Além de representações narrativas que são caracterizados pela presença de um vetor, envolvendo uma ação que se desenrola visualmente, executada/recebida por participantes em dadas circunstâncias, há aquelas que não apresentam vetor nem executam ações, haja vista seu objetivo ser procurar na imagem a essência da informação em termos de classe, estrutura e significado. Essas são as Representações Conceituais que “*definem* ou *analizam* ou *classificam* pessoas, lugares e coisas” (JEWITT E OYAMA apud VAN LEEUWEN E JEWITT, 2004, p.143), e que podem ser caracterizadas como Processos Classificacionais, Analíticos e Simbólicos.

Os Processos Classificacionais serão assim chamados se os participantes se relacionarem de forma taxonômica onde “ao menos um conjunto de participantes atuarão como *Subordinados* em respeito à pelo menos outro participante, o *Superordinado*.” (KRESS & VAN LEEUWEN, 2006, p. 79). Os Processos Analíticos focam dois participantes: o Portador (participante representado) e seus Atributos Possessivos (cada uma das partes que o compõe). Este tipo de processo relaciona, assim, “participantes em termos de uma estrutura de parte e todo” (idem, ibidem). Imagens analíticas diferem das outras por não apresentarem

vetor indicando ações e por não se apresentarem de forma simétrica. Quando na imagem aparecem os Atributos, porém não é mostrado seu Portador, esse processo analítico se caracterizará como Desestruturado, pois apesar de se fazer conhecer as partes que compõem o todo, não se sabe como elas o compõem. Já os Processos Analíticos Temporais apresentam os Atributos Possessivos “ordenados linearmente numa linha temporal e interpretadas como um conjunto de estágios sucessivos de um processo que se desenvolve temporalmente” (idem, 104). Por fim, os Processos Analíticos exaustivos descrevem o Portador sendo composto por um número de Atributos ao mostrar todas as partes que lhe constituem como um todo.

Para finalizar, os Processos Simbólicos dizem respeito ao que o participante é ou representa e podem se apresentar sob duas formas: a primeira como tendo ressaltado algum atributo de seu Portador e a segunda quando o Portador se apresenta como elemento principal na imagem. Esses processos são chamados de Simbólico Atributivo e Simbólico Sugestivo, respectivamente, e podem ser identificados a partir de elementos como cor, iluminação e tamanho visto que apresentam um ambiente manipulado.

No que tange à metafunção interativa, Kress e Van Leeuwen (2006) indicam que aspectos como contato, distância social, perspectiva e modalidade têm papel fundamental na identificação da relação entre leitor/observador da imagem e a imagem propriamente dita. O contato é representado quando o participante olha diretamente nos olhos do leitor/observador, estabelecendo um contato de demanda, convidando o leitor /observador para participar da interação, olhando-o de forma sedutora, agressiva ou imperativa. Mas se o participante não olha diretamente nos olhos do leitor/observador, ocorre um contato de oferta.

Fazendo-se distinta da Metafunção Representacional, a Metafunção Interacional lida com os participantes representados e sua relação com os interativos, ou seja, seu observador do mundo real. Os participantes interativos são pessoas do mundo real as quais produzem ou consomem a imagem, ditando como deva ser representada e interpretada, que mensagem ela deva passar, como ela o fará, etc. Assim, ela estabelece uma relação tanto entre os elementos que compõem a imagem quanto entre quem a produz e quem a observa, exigindo deste último uma atitude. Essas interações se dão por meio do olhar, da distância social, do ângulo e modalidade.

As composições visuais podem mostrar participantes representados que olham para outro participante na própria imagem, não criando vínculo algum com o observador; ou que direcionam seu olhar para o observador como uma forma de interagir com ele. Este olhar pode ser classificado como demanda ou oferta. No primeiro caso, o participante representado olha nos olhos do observador projetando vetores formados da linha do olhar estabelecendo interação com aquele além de exigir (ou ‘demandar’) do mesmo uma reação, seja essa de aceitação ou negação, de identificação ou desconhecimento. No último, a imagem se dirige ao público de forma indireta, mais sutil, na qual o observador não é o objeto, mas o sujeito do olhar, uma vez que a imagem não demanda nada de seu observador, mas sim o convida a uma análise ao ‘ofertar’ os “participantes representados ao observador como itens de informação, objetos de contemplação, impessoalidade, como se fossem espécimes em uma vitrine.” (KRESS & VAN LEEUWEN, 2006, p. 119).

Para a análise interacional, uma categoria relevante é a Distância Social. Quando os participantes são retratados em *close-up* ou plano fechado, cada detalhe de seu rosto e de sua expressão facial é captado, auxiliando, assim, a identificação de traços da sua personalidade e clama a familiaridade. Esse plano abrange o enquadramento, que vai da cabeça até os ombros do participante representado. Diferentemente de quando o participante é apresentado em *long-shot* ou plano aberto, que contribui para representar os participantes de uma dada composição visual de forma distanciada, mostrando todo o corpo. Há ainda um plano intermediário, que é o *medium shot* ou plano médio que representa o participante até a cintura ou o joelho, indicando que a sua relação com o leitor é do tipo social.

Em relação ao ponto de vista ou perspectiva, Kress e Van Leeuwen (2006) consideram os ângulos frontais, oblíquos e verticais. A utilização do ângulo frontal está associada à atitude de um envolvimento entre o leitor/observador e o participante. O ângulo oblíquo conduz a um sentido de desligamento ao apresentar o participante em perfil, deixando subentendido que a representação não pertence ao nosso mundo. O ângulo vertical e suas variantes (alto, baixo ou de nível ocular) apontam para as diversas relações de poder representadas entre o participante e o leitor/observador.

A modalidade ou valor de realidade é representado por meio da modalidade naturalista ou sensorial. A modalidade naturalista se concretiza através da congruência que existe entre o objeto de uma imagem e aquilo que se percebe pelo olho naturalmente. Assim, quanto maior for a correspondência entre a imagem e o real, maior será a modalidade da imagem. Kress e van Leeuwen (2006) ressaltam que as imagens naturalistas geralmente possuem: 1) alta saturação de cores, no lugar de preto e branco; 2) cores diversificadas, ao invés de cores monocromáticas; e 3) cores moduladas. Eles atentam também para a contextualização da imagem, seu pano de fundo. A modalidade sensorial evoca sentimentos mais subjetivos no leitor/observador, ocorrendo uma diminuição da modalidade naturalista.

Apesar de já haver estabelecido múltiplas categorizações para a imagem, ainda carece olhar para a mesma como um todo, o modo como as metafunções interativa e representacional estão organizadas e se relacionam dentro do espaço da mesma composição e como estão integradas para produzir sentido.

Os autores afirmam que a posição que os elementos ocupam na composição visual lhes atribui valores específicos, mais especificamente, *Valores de informação*, uma vez que sua disposição afetará os outros elementos que estão a interagir no mesmo espaço. Esta categoria lida com a disposição dos elementos na imagem, se estão ao lado direito ou esquerdo da página, superior ou inferior, central ou periférico, e como essas posições, apesar de integrarem todas as partes, sinalizam significados (ideológicos) diferentes. Assim, os pesquisadores afirmam que, de acordo com a sociedade ocidental e seus valores, a informação apresentada no lado esquerdo sugere uma informação dada, já conhecida e familiarizada por parte dos participantes, enquanto que a informação apresentada no lado direito caracteriza uma informação nova, desconhecida pelos participantes e que, portanto, se deve prestar atenção. A esses elementos dá-se o nome de Dado e Novo. Outra posição a ser discutida é a informação localizada na parte superior e na parte inferior da página. A seção superior visualiza a promessa, o imaginário, o *Ideal*; enquanto que a inferior traz o *Real*, o que verdadeiramente é, a informação em si. Esta oposição é fortemente marcada nas imagens, visto que seus produtores se utilizam da primeira para apresentar seu 'produto' (informação) como sendo uma necessidade, uma coisa essencial para o consumidor da mensagem (tanto que são ilustradas de forma mais saliente), e da última para apresentar informações mais específicas sobre o mesmo. Os elementos ainda podem aparecer dispostos no *Centro* e na *Margem* da composição visual. Quando aparecem no centro, maior ênfase lhes é atribuída, haja vista estarem no núcleo e todos os outros elementos lhe aparecerem subservientes. Quando aparecem nas margens, implica-se que possuem função auxiliar, ou seja, são dependentes da informação central.

A Saliência é definida como “o grau para o qual um elemento chama atenção para si mesmo, devido a seu tamanho, seu lugar no primeiro plano ou sua sobreposição a outros elementos, sua cor, seus valores tonais, sua agudeza ou definição, e outras características.” (KRESS E VAN LEEUWEN, 2006, p. 210), referindo-se, portanto, à importância hierárquica que os elementos adquirem na imagem que levam a sobreposição de um elemento sobre os demais.

Finalmente, e não menos importante, o Enquadramento, ou moldura, diz respeito à presença ou ausência de uma linha divisória que marcará a divisão ou a ligação dos

participantes da composição, indicando que os elementos possuem “identidades separadas ou se relacionam” (Jewitt e Oyama apud VAN LEEUWEN E JEWITT, 2004, p.149), assim, “quanto mais os elementos da composição espacial estiverem conectados, mais eles serão apresentados como caminhando juntos, como uma unidade única de informação” (KRESS E VAN LEEUWEN, 2006, p. 204), e quanto mais eles aparecerem desconectados, seja por diferenças de cor ou mesmo pela presença da moldura, mais enfatizada será sua identidade e diferença.

### 3. Aspectos teórico-metodológicos da pesquisa

A pesquisa aqui empreendida perseguiu algumas etapas: 1) identificação das cinco principais escolas particulares uma determinada cidade do Rio Grande do Norte; 2) coleta de dez textos de materiais didáticos utilizados pelos professores do Ensino Médio dessas escolas; 3) análise prévia dos textos didáticos a fim de identificar aspectos ideológico-hegemônicos no material e 4) análise dos recursos visuais (multimodais) apresentados no material didático e sua relação com os textos analisados. Em virtude da limitação de espaço apresentaremos, neste artigo, dois dos dez textos analisados, por consideramos serem esses os mais representativos da análise proposta.

### 4. Análise Visual

#### Imagem 1

A imagem número 1 presente no texto ‘Where was I living?’ traz a figura de uma criança, aludindo a Nicholas McDonnell, locutor do texto, uma vez que o mesmo relata no texto como sua infância foi afetada pelo fato de estar constantemente de mudança. A imagem apresenta a criança sozinha sem um objeto direto de interação. Ainda que haja um jogo, tipo quebra-cabeça, sobre a mesa na qual a criança mantém um dos braços, ela não direciona o olhar para o brinquedo. A mão esquerda está elevada à orelha, há uma nítida demonstração de monotonia. A foto naturalista mostra a criança quase em perfil, em oferta, sem olhar diretamente para o observador, e em plano aberto, apenas da cintura para cima. A cortina da janela ao fundo é branca, representando opacidade, reforçando a falta de dinamismo. Existem três sinais de interrogação sobre a cabeça da criança, cada uma delas de uma cor: verde, amarelo e vermelho. Eles apontam para indagações da criança a respeito da sua identidade. Ele não sabe o que esperar, a única certeza parece ser a incerteza. As diferentes cores dos sinais demonstram a necessidade de o garoto romper com aquela condição. As mudanças repentinas fizeram com que ele se encontrasse sozinho, sem amigos e garotas. A disposição dos objetos identifica a condição social do menino: cor branca, óculos novos, e roupa bem alinhada, em consonância com a arrumação do ambiente. Essas características revelam o pertencimento da criança a uma família de condição financeira compatível com os interesses econômicos atribuídos à mãe, já que essa é identificada como a mulher que, se por um lado toma as decisões, por outro, sacrifica os relacionamentos familiares em prol dos interesses capitalistas.

## Present and past progressive

### Where was I living?

My name is Nicholas McDonnell. My friends call me Nick. I was born on November 8<sup>th</sup> 1990, in Glasgow, Scotland. When I was five, my parents moved to London because my father was trying another job. We were happy there. I was always playing in the yard with my older brother Phillip. He was a really nauty kid. In 1998, my parents were getting divorced. Then my mom and I moved to Madrid, Phillip stayed with our father. After 8 months we were living in Spain, my mom decided to move to New York because there were lots of opportunities for job in a hospital, my mom was a nurse, but now she is retired. Then, after September, 11<sup>th</sup>, in 2001, my mom was constantly thinking about terrorist attacks and she decided to move to California. It was a wonderful time full of friends, girls, beaches and of course surf, but after a year, my mother received a very special proposal to work in a hospital that was a reference in Australia. So once again we moved to Adelaide and we were living there till last year, when Phillip died in Apehganisthan while he was serving the British Royal Army. My mother was in shock and decided move back to Glasgow, where she is still living with my grandparents.



Sometimes I ask myself which country do I belong to? Where was I happier? Where were friends more friends? Which place was I having a good time? These few questions only the time will answer. At this time, I'm leaving in Auckland, New Zeland, with my wife, Rachel, and our son, Phillip. And we don't intend to move anymore. I don't want my son asking the same question. Where was I living?

#### Vocabulary

to move – mudar  
myself – me  
job – emprego  
nurse – enfermeira

nauty – sapeca  
retired – aposentado(a)  
army – exército  
to belong to – pertencer a



#### Text Comprehension

1 Responda os itens a seguir de acordo com o texto.

a) Qual a nacionalidade de Nicholas?

He's Scottish

b) Como Nick descreve seu irmão?

He was a really nauty kid

Seguindo as proposições formuladas por Kress e van Leeuwen em 'Reading Images: The Grammar of Visual Design', podemos analisar essa imagem de acordo com as três metafunções apresentadas na gramática visual: representacional, interacional e composicional. Dentro da perspectiva representacional podemos classificar essa imagem como sendo um processo narrativo reacional não-transicional. Processo narrativo, por estarmos diante de um processo de ação, pois apesar de estar imóvel e de não interagir nem mesmo com o quebra-cabeça a sua frente, o garoto realiza a ação de direcionar o seu olhar para algo/lugar, o vetor presente na imagem é formado pela direção desse olhar, o que determina o caráter reacional do processo, fazendo do garoto não o ator da imagem, mas sim, o reator. Apesar de termos a presença do reator na imagem, não temos acesso ao fenômeno, ou seja, ao objeto do olhar, o que faz não-transicional o processo reacional. A ausência do fenômeno na imagem pode ter se dado para ratificar a situação de reflexão em que se encontra o garoto, e que conduz todo o desenvolvimento do texto.

Partindo para uma análise dentro da perspectiva interacional, onde se leva em consideração a relação entre imagem, observador e produtor, temos uma imagem de oferta, uma vez que o olhar do participante representado não está direcionado ao participante interativo, não demandando assim a sua atenção. O participante interativo é mostrado como objeto de contemplação, podemos observá-lo, porém não somos convidados a entrar em seu mundo, ou interagir com o mesmo. A imagem de oferta diz respeito ao quesito contato. Em relação à distância social, outra categoria da metafunção interativa, o participante é representado em plano médio, ao passo que é retratado da cabeça até a altura dos ombros, o que indica que apesar de não convidar o observador a fazer parte de seu mundo, o participante interativo conserva uma relação de nível social com o mesmo, não garantindo, no entanto,



nem muita intimidade, mas também nem longo distanciamento. Em termos de perspectiva, identificamos na imagem um ângulo oblíquo, onde temos o representado de perfil, o que mais uma vez alude a um sentido de desligamento, mostrando implicitamente que o que vemos não pertence ao nosso mundo.

No sentido do valor da realidade, temos uma imagem de baixa modalidade, pois apesar de tratar de uma fotografia de cunho naturalista, temos as diversas interrogações saindo da cabeça da criança, o que dá um caráter inverossímil à figura, uma vez que podemos perceber se uma pessoa encontra-se em uma situação de dúvida pela sua expressão facial ou se a mesma verbaliza tal fato, mas visualizar interrogações saindo de sua cabeça é algo impossível e que não condiz com a realidade. A modalidade também é diminuída em virtude da falta de contextualização do plano de fundo, que se apresenta desprovido de cores e com excesso de iluminação.

Apesar de classificarmos a imagem como um processo narrativo, também é possível notar a coexistência de um processo conceitual simbólico atributivo dentro da mesma, onde o garoto se apresenta como Portador tendo seu significado determinado pelo atributo simbólico composto pelas interrogações sobre sua cabeça. As interrogações apresentam vários quesitos que, de acordo com Kress e van Leeuwen, caracterizam um atributo simbólico, a saliência, já que estão localizadas em primeiro plano e chamam atenção pelo seu tamanho e cores contrastantes; parecem estar fora do lugar, como se não pertencessem à imagem, e ainda, podem ser relacionadas a valores simbólicos, uma vez que representariam as dúvidas que o garoto possui em relação à sua infância e identidade.

Na ótica da metafunção composicional temos a imagem posicionada ao lado direito do texto, o que, no sentido de valor de informação, designa um elemento novo, uma informação-chave a que deve ser direcionada a atenção do leitor. O fato de a imagem aludir a Nicholas que narra a sua história no texto faz com que o leitor venha a reconhecer no decorrer da leitura a figura da criança confusa e reflexiva em relação ao seu passado. A imagem também se posiciona no topo da composição o que idealiza a informação, apela para os nossos sentidos a fim de expressar o que aquela imagem pode ser, e não o que ela realmente é. Ao ter contato com o texto, o observador pode ser levado a acreditar que a criança retratada na imagem é Nicholas Macdonell, porém isso pode não corresponder à realidade. Em termos de estruturação, podemos dizer que a mesma se faz forte, uma vez que há uma linha divisória ao redor da imagem para diferenciá-la do restante da composição.

Partamos agora para a análise de outra imagem também retirada de um material didático oriundo de uma escola privada do Rio Grande do Norte. Na imagem relacionada ao texto "*Meeting Cuba's youngest politician*", Ms. Hernandez é representada como uma figura proeminente, posicionada conceitualmente diante de um microfone, no contexto de uma assembleia política.

## Imagem 2

A participante representada não olha diretamente nos olhos do observador, ela então "se oferece" como objeto de contemplação. A forma como Ms. Hernandez é perspectivada aponta para uma condição de incerteza em relação ao futuro, de expectativa sobre o que virá adiante. O distanciamento social é apresentado em nível intermediário, em plano médio, retratada apenas da cintura para cima. O ângulo ou perspectiva é oblíquo, isso porque, na imagem se evoca um sentido de desligamento, ressaltando que o mundo da Ms. Hernandez faz parte de outra realidade (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006), distante do contexto capitalista.

## Proposed Activities

## Text 1

## Meeting Cuba's youngest politician

Fidel's brother Raul Castro, 77, is now president and he chose 78-year-old Machado Ventura as his number two.

But there is a new generation of communists waiting in the wings.

The majority of deputies elected to the national assembly, or parliament, earlier this year were born after the revolution.

The youngest, Liaena Hernandez, is just 18 years old. A petite young woman with long black hair and an engaging smile, she has been a political activist since her early teens.

We first met during a coffee break at the last national assembly meeting.

"Having young Cubans in parliament shows that the revolution continues. It isn't just something from our history," she told me. Ms Hernandez comes from Guantanamo province at the eastern end of the island.

Her father is in the army and she has just completed her voluntary military service as a border guard in an all-female unit along the controversial US naval base at Guantanamo Bay.

She was born just as Cuba's main benefactor, the Soviet Union, collapsed.

What followed was called the special period, a time of hunger and hardship. The United States also tightened the trade embargo believing it would hasten the collapse of communism. This is the Cuba that Ms Hernandez grew up in.



## Kissing babies

"I was born with the revolution. I've never known capitalism," she said. "My earliest memories are of socialism, the special period and the US blockade."

"As a family we couldn't have all the things we would have liked. For years I had to wear the same pair of shoes to school, we just had to keep mending them."

"But at least I had free health care and education. And as a nation, everyone was willing to work together to get by and move forward."

Ms Hernandez invited the BBC to visit her on a constituency visit.

She represents Manuel Tames, a small rural community nestled in the foothills of the Guantanamo's Sierra Cristal mountains.

There is little traffic on its dusty streets apart from horses and the occasional tractor.

At the heart of the town is an ageing sugar mill with its giant smokstack chimney. There is also a recently renovated health centre with nurses and beds to spare.

But solving constituency needs is not the primary role of Cuban deputies.

"Our most important mission is to explain to the people the politics of the state so that they understand what is going on," she explained as we arrived.

Some two dozen constituents had gathered to greet us outside of the municipal offices.

Like all good politicians, Ms Hernandez moved comfortably amongst them, kissing babies, joking and chatting with young and old.

Better roads and housing are amongst their concerns, but food appears the number one priority.

Raul Castro has started to hand over unproductive state owned land to private farmers and co-operatives in a bid to boost production and cut food imports.

Farmers in Tames are waiting expectantly for the scheme to take off.

"Today is a different period from that of the revolution. There were some things which were needed then which are not so good now, because the context has changes," she said.

"We need to keep perfecting our economic system, that's where the country is going."

## "Perfeccionamento"

The government's priority is to try and make the state-run system work more efficiently, [adverb] opening up to a free market, like the Chinese have done.

You hear the word "perfeccionamento" – perfecting the system – used a lot by officials.

There are also no signs of any political reforms. Opposition parties are not allowed.

The national assembly only meets twice a year, a few days of committee sessions followed by a single day's sitting. Critics call it a rubber stamp parliament. The next session is scheduled for 27 December.

Candidates are also selected in advance. In the elections in January there were 614 people standing for the same number of seats.

You do not have to be a member of the Communist Party to stand, but it does help.

Ms Hernandez, though, believes that the system has served Cuba well. "History has taught us that the Communist Party is the road that Cuba needs to follow. We don't need to copy other countries' systems. We are satisfied with our own and we are going to keep perfecting it."

Adapted by Jefferson Celestino from <http://news.bbc.co.uk/2/hi/americas/7784234.stm>

1. The correct form of [adverb] in the text is:

- a) rather than  
 b) otherwise  
 c) therefore  
 d) however  
 e) although

atiguel

2. In the text, the word **party** means:

- a) a social event where a group of people meet to talk, eat, drink, dance etc., often in order to celebrate a special occasion.  
 b) an organization of people with particular political beliefs which competes in elections to try to win positions in local or national government.  
 c) a group of people who are involved in an activity together, especially a visit.  
 d) one of the people or groups of people involved in an official argument, arrangement or similar situation.  
 e) an occasion when people come together intentionally or unintentionally.

3. Choose the best question to the following description:

"A petite young woman with long black hair and an engaging smile".

- a) How is she?  
 b) What is she?  
 c) What is she like?  
 d) How does she look like?  
 e) What does she look like?

atiguel

A interação da jovem com os demais membros da assembleia é inferida, já que esses não se encontram presentes. Sendo assim, semelhantemente à imagem número 1, nos deparamos com um processo narrativo reacional não-transicional, onde Ms. Hernandez desempenha o papel de Reator, direcionando o seu olhar para um Fenômeno (que no caso seria os políticos) que não é revelado ao observador. Essa elipse evoca o que fora dito no texto, que os políticos cubanos são de "fachada", já que são escolhidos previamente, sem que o povo possa de fato decidir pelos seus representantes. Encarando a imagem a partir do ângulo vertical percebemos que a participante é posicionada em nível inferior ao ocular, ressaltando uma relação de poder assimétrica, a partir do foco do observador, em nível superior de poder. O olhar capitalista sobre o comunismo costuma ser de superioridade, principalmente nesses últimos anos, depois da queda do bloco soviético e do Muro de Berlim.

Levando em consideração a modalidade da imagem, podemos classificá-la como naturalista, pois se trata de uma fotografia com alta saturação de cores, e ainda temos a contextualização que é dada pelo plano de fundo, com cores diferenciadas e com boa iluminação. Podemos então dizer que a imagem possui uma modalidade alta.

Em termos de estrutura composicional, a participante está posicionada no espaço esquerdo, sendo essa o tema da imagem, o ambiente parlamentar é o rema, o primeiro é saliente em relação ao último, que aponta para os “velhos” políticos cubanos, ausentes na imagem, por representarem o ultrapassado, dentro do modelo capitalista, o descartável e desnecessário. O valor da informação é idealizado, uma vez que a imagem é posicionada no topo da composição. A estruturação da imagem se faz forte, pois as cores contrastantes ajudam para que haja uma fácil distinção entre a imagem e os outros elementos da composição, e ainda, há uma linha divisória estabelecendo uma moldura ao redor da figura.

### Considerações Finais

Com todo o exposto podemos observar que as imagens presentes nos livros didáticos não são dispostas aleatoriamente, sem um propósito definido. Também é possível perceber que elas não são meras traduções dos textos, mas estão carregadas com suas próprias ideologias e significados que, para produzirem sentido, dependem da relação entre produtor, participantes representados e observador. A análise das imagens de materiais didáticos demonstra a permanência de determinadas práticas sociais que são sustentadas ideologicamente através das imagens e de toda a prática discursiva. Nos textos escolhidos para este artigo, observamos que circulam, em contextos escolares, discursos que fomentam posicionamentos desempoderadores. A alfabetização visual pode ser de grande ajuda para o desenvolvimento de um caráter mais crítico dos nossos estudantes, e para que toda informação dada a eles não seja apenas acatada de forma passiva, mas pensada, refletida e questionada.

### Referências

ALLWRIGHT, R. L. What do we want teaching materials for? *ELT Journal*, 36 (1), 1981.

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (Trad. de Klaus Brandini Gerhardt).

CRAWFORD, J. The role of materials in language classroom: finding the balance. In: RICHARDS, J. C., RENANDYA, W. A. (eds.) *Methodology in language teaching*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UNB, 2001.

GRAMSCI, A. *A Gramsci Reader: selected writings 1916-1935*. FORGACS, D. (Org.) London: Lawrence and Wishart, 1988.

GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 3<sup>rd</sup> ed. London: Hodder Arnold, 2004.

HUTCHINGSON, T., TORRES, E. The textbook as agent of change. *ELT Journal*, 48(4), 1994.

JEWITT, C.; OYAMA, R. Visual Meaning: a Social Semiotic Approach. In: *Handbook of Visual Analysis*. VAN LEEUWEN, T. ; JEWITT, C. London: SAGE Publications Ltd, 2004.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 2006.

LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. (org.) *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola, 2005.

NOVELLINO, M. O. *Fotografias em livro didático de inglês como língua estrangeira: Análise de suas funções e significados*. 2007. 203 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2007.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995.

UNSWORTH, L. *Teaching Multiliteracies Across the Curriculum: changing contexts of text and image in classroom practice*. New York: Open University Press, 2000.

VAN LEEUWEN, T.; JEWITT, C. *Handbook of Visual Analysis*. London: SAGE Publications Ltd, 2004.